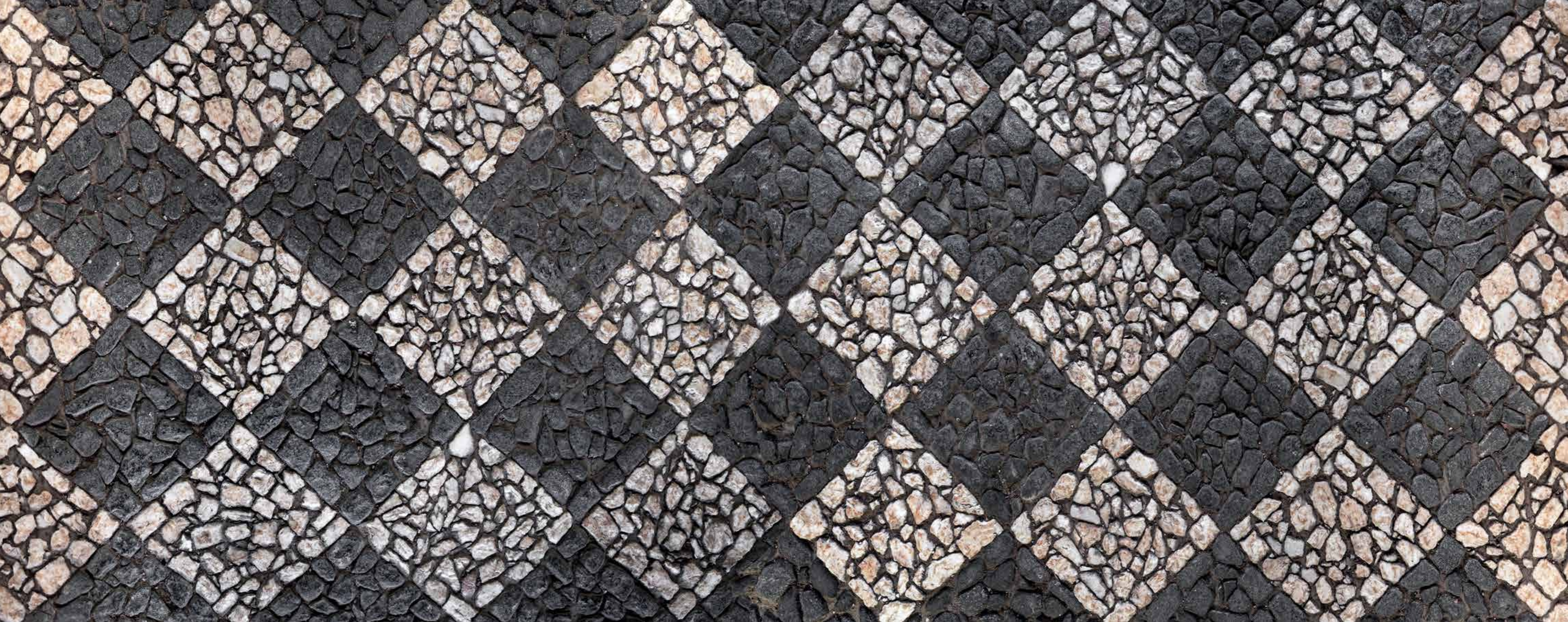




# Palácio Barahona

50 ANOS DO TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE ÉVORA  
50 YEARS OF THE COURT OF APPEAL OF ÉVORA







# Palácio Barahona

50 ANOS DO TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE ÉVORA  
50 YEARS OF THE COURT OF APPEAL OF ÉVORA



FICHA TÉCNICA | TECHNICAL SHEET

TÍTULO | TITLE

Palácio Barahona. 50 Anos do Tribunal da Relação de Évora

EDIÇÃO | EDITION

Tribunal da Relação de Évora

COORDENAÇÃO | COORDINATION

???

TEXTOS | TEXTS

Paulo Simões Rodrigues

FOTOGRAFIA | PHOTOGRAPHY

Jerónimo Heitor Coelho

DIREÇÃO CRIATIVA E PROJETO GRÁFICO  
CREATIVE DIRECTION AND GRAPHIC DESIGN

Laura Heitor Coelho

PRODUÇÃO | PRODUCTION

Visual Factory

TRADUÇÃO | TRANSLATION

Samuel Prata

EXECUÇÃO GRÁFICA E ACABAMENTO  
GRAPHIC EXECUTION AND FINISHING

Greca Artes Gráficas

DEPÓSITO LEGAL | LEGAL DEPOSIT

???

ISBN

978-989-98772-6-9

TIRAGEM | PRINT RUN

500 exemplares

DATA DE EDIÇÃO | ISSUE DATE

Outubro de 2023

© Reservados todos os direitos. Nos termos do Código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

© All rights reserved. Under the terms of the Copyright Code, the total or partial reproduction of this work by any means, including photocopying and computer processing, is expressly prohibited without the express authorization of the rights holders.

— II —  
APRESENTAÇÃO  
preface

— 17 —  
INTRODUÇÃO  
introduction

— 23 —  
AS CIRCUNSTÂNCIAS DA CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO  
“RAMALHO-BARAHONA” E OS SEUS PROTAGONISTAS  
The circumstances of the construction of the  
“Ramalho-Barahona” Palace and its protagonists

— 35 —  
BIOGRAFIA DE UM EDIFÍCIO: O PALÁCIO BARAHONA  
biography of a building: the barahona palace

— 49 —  
A DECORAÇÃO DO PALÁCIO E A COLEÇÃO BARAHONA  
the decoration of the palace and the barahona collection

— 59 —  
O IMPACTE DO PALÁCIO BARAHONA NA  
PAISAGEM URBANA DA ÉVORA OITOCENTISTA  
the impact of the barahona palace on  
the urban landscape of 19th century évora

— 65 —  
DE RESIDÊNCIA PRIVADA A TRIBUNAL  
from private residence to court

— 83 —  
CONCLUSÃO  
conclusion



TRIBUNAL DA RELAÇÃO

# APRESENTAÇÃO

## preface

**E**m 2023, completam-se 50 anos sobre a data da criação do Tribunal da Relação de Évora, pelo Decreto-Lei n.º 202/73, de 4 de maio, do Ministério da Justiça.

A sua criação assentou, como se extrai do referido diploma legal, na necessidade de proceder a uma melhor distribuição dos serviços de justiça, aproximando os tribunais das populações, e também na racionalização do funcionamento dos tribunais, assim se procurando evitar que ultrapassassem a dimensão normal para que haviam sendo concebidos.

Foi então criado o quarto Tribunal da Relação, fora dos grandes centros urbanos de Lisboa, Porto e Coimbra.

Instalado em 1 de outubro de 1973, o Tribunal passou a funcionar num edifício sito no Largo das Alterações de Évora, à Porta de Alconchel.

As mudanças profundas que, entretanto, se foram acentuando na sociedade, e na própria dinâmica evolutiva deste Tribunal de recurso, em crescente proximidade e resposta às populações, conduziram a um constante incremento processual, vindo o espaço a tornar-se exíguo, e até precário face ao aumento do quadro do tribunal.

**I**n 2023, we commemorate the 50<sup>th</sup> anniversary of the establishment of the Évora Court of Appeal, through Decree-Law no. 202/73, dated the 4<sup>th</sup> of May, issued by the Ministry of Justice.

Its inception was grounded, as mentioned in the aforementioned legislation, in the imperative to distribute justice services more effectively, bringing the courts into closer proximity to the population. Additionally, it sought to streamline the functioning of the courts, preventing them from surpassing their intended scope.

Consequently, the fourth Court of Appeal was established, situated beyond the primary urban centres of Lisbon, Porto, and Coimbra.

On the 1<sup>st</sup> of October 1973, the Court began operations within a structure located at Largo das Alterações de Évora, at Porta de Alconchel.

The profound changes that have since become more pronounced within society, and in the very evolutionary dynamics of this Court of Appeal, as it grows closer and more responsive to the needs of the public, have led to an ongoing surge in proceedings. This growth has caused space to become constrained, and even precarious, due to the expansion of the court's personnel.



Assim, em 26 de novembro de 2007 viria a mudar-se para o denominado *Palácio Barabona*, edifício emblemático da cidade de Évora, onde se mantém.

Esta mudança representou para a vida deste Tribunal da Relação uma profunda e feliz viragem histórica, ao dotá-lo de instalações mais compatíveis com o cumprimento, dignidade e prestígio da sua missão: administrar a justiça em nome do povo, seja na defesa dos direitos e interesses legalmente protegidos dos cidadãos, seja a dirimir os conflitos de interesses, assim desempenhando um papel preponderante no mundo do judiciário e consolidando o prestígio jurisprudencial e institucional.

Atualmente, volvidos 50 anos de crescimento, de consolidação e de sucesso institucional, abrange uma vasta área do território nacional, que integra as Comarcas de Beja, Évora, Faro, Portalegre, Santarém e Setúbal.

As a result, on the 26<sup>th</sup> of November 2007, the Court relocated to the renowned *Barabona Palace*, an iconic building within the city of Évora, where it stands to this day.

This transition marked a significant and propitious historical turning point in the trajectory of this Court of Appeal, as it provided facilities that were more suited to the fulfilment, dignity, and prestige of its mandate: to administer justice on behalf of the people. This includes safeguarding the legally protected rights and interests of citizens, as well as resolving conflicts of interest, thus assuming a pivotal role within the world of the judiciary and solidifying its jurisprudential and institutional eminence.

Currently, having traversed 50 years of growth, consolidation, and institutional achievement, the Court's jurisdiction spans a vast expanse of the national territory. This encompasses the jurisdictions of Beja, Évora, Faro, Portalegre, Santarém, and Setúbal.

No âmbito da comemoração do cinquentenário do Tribunal da Relação de Évora foi pensado o presente livro, a que se deu “vida” através das palavras do Professor Paulo Rodrigues e do olhar do fotógrafo Jerónimo Heitor Coelho, e que nos deixa a memória viva da edificação que desde 2007 acolhe este tribunal, o *Palácio Barabona*, e enriquece o património cultural da cidade de Évora, classificada como património mundial da Unesco desde 1986, e agora também Capital Europeia da Cultura 2027.

Um livro que se pretende que seja mais um passo para aproximar o tribunal e o *Palácio Barabona* das populações que serve e, paralelamente, num gesto de memória e afirmação institucional, homenagear todos aqueles que, com trabalho e dedicação, ao longo deste meio século contribuíram para o engrandecimento do Tribunal.

Esta é altura de comemorar, mas também, com responsabilidade, refletir sobre a passado institucional e projetar o futuro, de modo a fortalecer o Tribunal da Relação de Évora.

Uma palavra final de agradecimento aos autores deste livro pela excelência do trabalho ora divulgado, em feliz parceria de ideias e de consolidação da História do Tribunal da Relação de Évora e do Palácio Barahona, sua casa desde 2007.

João Luís Nunes  
Juiz Desembargador  
Presidente do Tribunal da Relação de Évora

As part of the commemoration of the 50<sup>th</sup> anniversary of the Évora Court of Appeal, this book was conceived. It has been brought to “life” through the eloquent prose of Professor Paulo Rodrigues and the lens of photographer Jerónimo Heitor Coelho. This volume encapsulates the living memory of the edifice that has accommodated this court since 2007 - the *Barabona Palace* - thus enhancing the cultural heritage of the city of Évora, designated a UNESCO World Heritage Site in 1986, and now also European Capital of Culture 2027.

This book is intended to serve as another stride towards bridging the divide between the court, the *Barabona Palace*, and the communities they serve. Concurrently, it stands as a tribute to the individuals who have, over the past five decades, diligently dedicated themselves to the Court's growth.

This juncture calls for celebration, but it is also a time for responsible reflection upon the institutional history and projection towards the future - all aimed at strengthening the Évora Court of Appeal.

A final note of gratitude extends to the authors of this book for their exemplary work, which is now brought to the public. Their successful collaboration has effectively consolidated the history of the Évora Court of Appeal and the *Barabona Palace*, the latter having been its residence since 2007.

João Luís Nunes  
Juiz Desembargador  
President of the Court of Appeal of Évora

01

# INTRODUÇÃO

introduction

A 30 de junho de 2006, o jornal *Expresso*, na sua versão digital, noticiava que o Tribunal da Relação de Évora estava “de malas aviadas para o Palácio Barahona”<sup>1</sup>. O motivo da mudança da Casa Nobre de origem quinhentista sita no Largo das Alterações, onde o Tribunal estava sediado desde a sua criação, em 1973, eram as más condições deste edifício, considerado, pelos desembargadores, inseguro e desajustado à função judiciária. A transferência concretizar-se-ia no ano seguinte. A nova sede do Tribunal, localizada na Rua da República, frente a uma das entradas do Jardim Público e junto à denominada Porta do Rossio, era descrita pelo mesmo semanário como sendo um “prédio de alto valor patrimonial e artístico, cuja construção” remontava “à década de 60 do século XIX”, referindo-se o mesmo periódico ainda à “beleza arquitectónica das suas linhas” e ao “magnífico jardim envolvente”<sup>2</sup>.

Efetivamente, o Palácio<sup>3</sup> Barahona é o mais importante exemplar de arquitetura civil do século XIX em Évora. Essa importância advém tanto da qualidade do projeto, da autoria do arquiteto italiano Giuseppe Cinatti (1808-1879), e do programa decorativo do seu interior, que contou com a intervenção dos pintores António Ramalho (1859-1916) e António Carneiro (1872-1930), prestigiados artistas da época, como do significado que as circunstâncias da sua construção têm para a história da cidade de Évora no século XIX, desde logo enquanto manifestação e representação material da relevância económica, social e política dos seus proprietários – José Maria Ramalho Dinis Perdigão (1830-1884), Inácia Angélica Fernandes (1844-1918) e Francisco Barahona Fragoso (1843-1905) -, como verificaremos de seguida.

O n the 30th of June 2006, the newspaper *Expresso*, in its digital version, reported that the Court of Appeal of Évora was “packing its bags for the Barahona Palace”<sup>1</sup>. The reason for the move from the sixteenth-century Noble House in Alterações Square, where the Court had been based since its creation in 1973, was the poor conditions of this building, considered by the judges to be unsafe and unsuitable for the judicial function. The relocation took place the following year. The new headquarters of the Court, located in República Street, in front of one of the entrances to the Public Garden and next to the well-known Rossio Gate, was described by the same weekly publication as a “building of high patrimonial and artistic value, whose construction” dated back to “the 60s of the 19th century”, referring to the “architectural beauty of its lines” and the “magnificent surrounding garden”<sup>2</sup>.

Indeed, the Barahona Palace<sup>3</sup> is the most important example of 19<sup>th</sup> century civil architecture in Évora. This importance stems both from the quality of the design, by the Italian architect Giuseppe Cinatti (1808-1879), and the decorative scheme of its interior, which included the work of the painters António Ramalho (1859-1916) and António Carneiro (1872-1930), prestigious artists of the time, and from the significance of the circumstances surrounding its construction for the history of the city of Évora in the 19<sup>th</sup> century, as a manifestation and material representation of the economic, social, and political relevance of its owners - José Maria Ramalho Dinis Perdigão (1830-1884), Inácia Angélica Fernandes (1844-1918), and Francisco Barahona Fragoso (1843-1905), as we shall see below.

<sup>1</sup>“Relação de Évora em palácio de luxo”. *Expresso*, 30 junho 2006, <https://expresso.pt/actualidade/relacao-de-evora-em-palacio-de-luxo=f95883> (consultado a 04/08/2023).

<sup>2</sup> *Idem*.

<sup>3</sup> Considerando a dimensão e o contexto urbano do designado “Palácio Barahona”, seria mais rigoroso utilizar a classificação tipológica de “palacete”. No entanto, tendo em atenção a natureza e a finalidade da presente publicação, optámos por manter a nomenclatura pela qual ele é popularmente conhecido, “palácio”.

<sup>1</sup>“Relação de Évora em palácio de luxo”. *Expresso*, June 30<sup>th</sup> 2006, <https://expresso.pt/actualidade/relacao-de-evora-em-palacio-de-luxo=f95883> (consulted on 04/08/2023).

<sup>2</sup> *Same*.

<sup>3</sup> Given the size and urban context of the structure often referred to as the ‘Barahona Palace’, a more precise typological classification would be “mansion”. However, in line with the nature and purpose of this publication, we have chosen to retain the name by which it is widely recognized – “palace”.



02

AS CIRCUNSTÂNCIAS DA  
CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO  
“RAMALHO-BARAHONA”  
E OS SEUS PROTAGONISTAS

The circumstances of the construction of the  
“Ramalho-Barahona” Palace and its protagonists

A opção pela utilização da designação de “Ramalho-Barahona” é, aqui, intencional. Pois, embora o edifício seja atualmente nomeado pelo apelido de um dos seus proprietários, referimo-nos a Francisco Barahona Fragoso, não foi ele o responsável pela sua construção. Esta deveu-se à iniciativa de José Maria Ramalho Dinis Perdigão.

Filho de lavradores com fortuna, agricultor e industrial ligado à transformação da cortiça, José Maria Ramalho Dinis Perdigão era um dos maiores proprietários fundiários do distrito de Évora, com uma fortuna que foi calculada, à altura do seu falecimento, em três mil contos de reis<sup>4</sup>. Não obstante a favorável situação económica de seus pais e de estes possuírem muitas herdades, a residência familiar de José Maria Perdigão, localizada nos arredores de Évora, na Herdade da Oliveirinha, era uma edificação modesta. Foi talvez por este motivo que o latifundiário decidiu construir, entre 1857 e 1858, uma nova residência na cidade de Évora, com a dimensão e a dignidade arquitetónica adequadas à sua posição económica e social. Para o efeito, adquiriu uma antiga casa do século XV ou XVI, situada no limite sul da cidade, junto aos muros e à porta virada para o Rossio de São Brás (a Porta do Rossio), no término de um dos baluartes seiscentistas que cercam, juntamente com a muralha medieval, o núcleo urbano eborense. O Palácio Barahona será levantado na área ocupada por essa velha casa, que, curiosamente, era

The choice to use the name “Ramalho-Barahona” is intentional here. Although the building is currently named after one of its owners, Francisco Barahona Fragoso, he was not responsible for its construction. This was due to the initiative of José Maria Ramalho Dinis Perdigão.

The son of wealthy farmers, himself a farmer and an industrialist involved in the processing of cork, José Maria Ramalho Dinis Perdigão was one of the largest landowners in the Évora district, with a fortune estimated at three thousand *contos de reis*<sup>4</sup> (former Portuguese currency used during the monarchy) at the time of his death. Despite the favourable economic situation of his parents and the fact that they owned many estates, José Maria Perdigão’s family home, located on the outskirts of Évora, at Herdade da Oliveirinha, was a modest building. It was perhaps for this reason that the landowner decided to build, between 1857 and 1858, a new residence in the city of Évora, with the size and architectural dignity appropriate to his economic and social status. To this end, he acquired an old 15<sup>th</sup> or 16<sup>th</sup> century house located on the southern edge of the city, next to the walls and the gate facing Rossio de São Brás (the Rossio Gate), at the end of one of the 17<sup>th</sup> century bastions that surround, together with the medieval wall, the urban centre of Évora. The Barahona Palace was built on the site of this old house, which, curiously, was owned by the family of Inácia Angélica

<sup>4</sup> LEAL, J. E. da C. (1996) – *Giuseppe Cinatti (1808-1879). Percurso e obra*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, vol. I, p. 202 (dissertação de mestrado).

<sup>4</sup> LEAL, J. E. da C. (1996) – *Giuseppe Cinatti (1808-1879). Percurso e obra*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, vol. I, p. 202 (masters dissertation).



propriedade da família de Inácia Angélica Fernandes (foi morada do seu avô, o sargento-mor António José Fernandes), com quem José Maria Ramalho Perdigão casará em 1864. Não é possível confirmar se este fator teve influência na escolha da localização da nova casa de José Maria Ramalho Perdigão, mas certamente que esta não terá sido uma opção aleatória, uma vez que havia a expectativa, entre os eborenses mais informados, de que a zona sul da cidade pudesse vir a tornar-se, a curto prazo, na nova centralidade urbana de Évora. Radicou essa expectativa no conhecimento de que o caminho de ferro ia chegar a Évora.

Fernandes (it was the home of her grandfather, Sergeant Major António José Fernandes), whom José Maria Ramalho Perdigão married in 1864. It is not possible to confirm whether this factor influenced the choice of the location of José Maria Ramalho Perdigão's new house, but it was certainly not a random choice, since there was an expectation among the more informed people of Évora that the southern part of the city could become, in the short term, the new urban centre of Évora. This expectation was rooted in the knowledge that the railway would arrive in Évora.

<sup>5</sup> *Folha do Sul*, 24 de fevereiro, 1866, p. 1.

<sup>6</sup> A população de Évora decaiu desde a segunda metade do século XVIII, tendo passado, entre 1801 e 1820, dos 11 643 habitantes para os 9 058. A tendência demográfica começou a alterar-se a partir do decénio de 1830, verificando-se desde então um crescimento que foi dos 9 300 habitantes registados nesse ano até aos 11 500 em 1864, aos 13 050 em 1878 e aos 15 134 em 1890. No entanto, não obstante esse crescimento populacional, o núcleo urbano de Évora pouco se expandiu, tendo-se mantido, no essencial, circunscrito ao perímetro amuralhado. Ver SALGUEIRO, T. B. (1992) – *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. Porto: Edições Afrontamento, p. 427; MENDONÇA, A. (2000) – *Crises de Mortalidade no Concelho de Évora (1850-1900)*. Lisboa: Edições Cosmos, pp. 56-59; SERRÃO, J., OLIVEIRA MARQUES, A. H. (2002) – *Nova História de Portugal. Portugal e a Instauração do Liberalismo*. Lisboa: Editorial Presença, vol. IX, pp. 26-29.

<sup>5</sup> *Folha do Sul*, 24 de fevereiro, 1866, p. 1.

<sup>6</sup> The population of Évora experienced a decline starting from the second half of the 18th century, decreasing from 11 643 residents to 9 058 between 1801 and 1820. This demographic trend started to shift in the 1830s, as the population grew from 9 300 inhabitants in that decade to 11 500 in 1864, 13 050 in 1878, and further to 15 134 in 1890. Nonetheless, despite this increase in population, the urban area of Évora scarcely expanded and predominantly remained within the confines of its historic walls. See SALGUEIRO, T. B. (1992) – *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*. Porto: Edições Afrontamento, p. 427; MENDONÇA, A. (2000) – *Crises de Mortalidade no Concelho de Évora (1850-1900)*. Lisboa: Edições Cosmos, pp. 56-59; SERRÃO, J., OLIVEIRA MARQUES, A. H. (2002) – *Nova História de Portugal. Portugal e a Instauração do Liberalismo*. Lisboa: Editorial Presença, vol. IX, pp. 26-29.

Desde 1854 que se planeava construir uma ligação ferroviária entre a Aldeia Galega, no Montijo, e Beja, com ramais para Setúbal e Évora. Em Évora, estava previsto que a futura estação ferroviária ficasse situada fora das muralhas, no flanco sul da cidade. O caminho-de-ferro acabou por chegar a Évora em 1863, quando foi também inaugurada a respetiva estação, sita, precisamente, no limite sul da cidade, extramuros, a seguir ao Rossio de São Brás, onde se mantém até hoje.

Ter-se-á pensado que o comboio, o “representante por excellencia dos progressos do seculo XIX”<sup>5</sup>, o mais moderno e rápido meio mecânico de locomoção, pelo qual passariam a chegar pessoas e bens a Évora, à semelhança do que vinha sucedendo noutras cidades do país e da Europa, atrairia serviços e população às proximidades do seu ponto de chegada, tornando-se, deste modo, num fator de expansão urbana de uma cidade que, no século XIX, se mantinha circunscrita ao seu perímetro amuralhado<sup>6</sup>. Não tardou a surgir uma proposta de urbanização do Rossio de São Brás, com a finalidade de o embelezar e otimizar, de maneira que o transporte de passageiros e mercadorias, da gare ferroviária ao centro da cidade, fosse menos incómodo e dispendioso. Apesar da concretização desta proposta se ter ficado por uma insipiente Avenida da Estação (futura Avenida Barahona), aberta na década de 1870 e que não era mais que uma estrada, o comboio acabou por trazer consigo um dinamismo urbano verdadeiramente renovador à zona sul da cidade. Ali, na área correspondente à antiga cerca do Convento de São Francisco, foram edificados dois dos mais importantes equipamentos urbanos da Évora oitocentista, o Jardim Público e o Mercado de D. Manuel, atual Mercado 1º de Maio.

Since 1854, there had been plans to build a railway link between Aldeia Galega, in Montijo, and Beja, with branches to Setúbal and Évora. In Évora, the future railway station was to be located outside the walls, on the southern flank of the city. The railway ended up arriving in Évora in 1863, when the respective station was also inaugurated, located precisely on the southern edge of the city, outside the walls, next to Rossio de São Brás, where it still stands today.

One would have thought that the train, the “representative by excellence of the progress of the nineteenth century”<sup>5</sup> the most modern and fastest mechanical means of locomotion, by which people and goods would arrive in Évora, as was happening in other cities in the country and Europe, would attract services and population to the vicinity of its point of arrival, thus becoming a factor of urban expansion of a city that, in the 19<sup>th</sup> century, remained confined to the walled perimeter<sup>6</sup>. A proposal to urbanise the Rossio de São Brás soon emerged, with the aim of beautifying and optimising it so that the transport of passengers and goods from the railway station to the city centre would be less cumbersome and expensive. Although the realisation of this proposal was limited to an insipient Station Avenue (future Barahona Avenue), opened in the 1870s and which was no more than a road, the train ended up bringing with it a truly renovating urban dynamism to the southern part of the city. There, in the area corresponding to the old fence of the Convent of São Francisco, two of the most important urban facilities of 19<sup>th</sup> century Évora were built, the Public Garden and the D. Manuel Market, now the 1º de Maio Market.

O Jardim Público foi desenhado pelo mesmo arquiteto do Palácio Barahona, o italiano Giuseppe Cinatti, a sua construção foi iniciada em 1863 e corresponde à ampliação de um jardim pré-existente, o Jardim das Amoreiras, que existia sobre o Baluarte do Príncipe desde 1837. Muito significativamente, terá sido durante a festa da inauguração do caminho-de-ferro, nesse mesmo ano de 1863, que o Presidente da Câmara de Évora da altura, Potes de Campos, abordou o Ministro da Guerra, o Marquês Sá da Bandeira, para o sensibilizar para a conveniência de ampliar o Jardim das Amoreiras pelos terrenos da antiga cerca do Convento de São Francisco, então na posse do ministério que o marquês tutelava<sup>7</sup>. Quanto ao Mercado de D. Manuel, veio substituir o mercado de frutas e hortaliças que era realizado na principal praça da cidade, a Praça do Geraldo, teve projeto do engenheiro camarário Adriano Augusto Monteiro e foi inaugurado em janeiro de 1880<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> SIMÕES, A. F. – “Ruínas fingidas no passeio publico d'Evora”. O *Manuelinho d'Evora*, 25 novembro, 1881, p. 2.

<sup>8</sup> MATOS, A. C. de, PEREIRA, J. (2007) – “Entre a modernização urbana e a preservação da memória da cidade de Évora na segunda metade do século XIX e início do século XX”. In *Évora Desaparecida. Fotografia e Património – 1839 ... 1919*. Évora: Câmara Municipal de Évora, CIDHEUS, CHA da Universidade de Évora, p. 75.

<sup>9</sup> RODRIGUES, P. S. – “Évora, Urbanismo e Arquitectura: os projectos para o bairro Cenáculo”. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 5 (2001), pp. 76 e 82.

<sup>10</sup> *Folha do Sul*, 18 de fevereiro, 1865, p. 1.

The Public Garden was designed by the same architect of the Barahona Palace, the Italian Giuseppe Cinatti, its construction began in 1863 and corresponds to the expansion of a pre-existing garden, the Amoreiras Garden, which had existed on the Baluarte do Príncipe — Prince’s Bastion — since 1837. Very significantly, it was during the celebration of the inauguration of the railway in 1863 that the mayor of Évora at the time, Potes de Campos, approached the Minister of War, the Marquis Sá da Bandeira, to make him aware of the convenience of extending the Amoreiras Garden on the grounds of the old fence of the Convent of São Francisco, then in the possession of the ministry that the marquis supervised<sup>7</sup>. As for the D. Manuel Market, which replaced the fruit and vegetable market held in the city’s main square, Geraldo Square, it was designed by the city engineer Adriano Augusto Monteiro and opened in January 1880<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> SIMÕES, A. F. – “Ruínas fingidas no passeio publico d'Evora”. O *Manuelinho d'Evora*, 25 novembro, 1881, p. 2.

<sup>8</sup> MATOS, A. C. de, PEREIRA, J. (2007) – “Entre a modernização urbana e a preservação da memória da cidade de Évora na segunda metade do século XIX e início do século XX”. In *Évora Desaparecida. Fotografia e Património – 1839 ... 1919*. Évora: Câmara Municipal de Évora, CIDHEUS, CHA da Universidade de Évora, p. 75.

<sup>9</sup> RODRIGUES, P. S. – “Évora, Urbanismo e Arquitectura: os projectos para o bairro Cenáculo”. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 5 (2001), pp. 76 e 82.

<sup>10</sup> *Folha do Sul*, 18 de fevereiro, 1865, p. 1.

O Jardim Público foi desenhado pelo mesmo arquiteto do Palácio Barahona, o italiano Giuseppe Cinatti, a sua construção foi iniciada em 1863 e corresponde à ampliação de um jardim pré-existente, o Jardim das Amoreiras.

The Public Garden was designed by the same architect of the Barahona Palace, the Italian Giuseppe Cinatti, its construction began in 1863 and corresponds to the expansion of a pre-existing garden, the Amoreiras Garden.



Um espírito progressista que José Ramalho Perdigão e Inácia Fernandes protagonizaram, enquanto casal, na Évora de Oitocentos, por meio de ações que foram, simultaneamente, beneméritas e de afirmação de prestígio social.

A progressive spirit that José Ramalho Perdigão and Inácia Fernandes, as a couple, led in the Évora of the 1800s, through actions that were both benevolent and an affirmation of social prestige.

O espírito progressista que a chegada do caminho-de-ferro suscitou entre os eborenses também está patente na possibilidade, ponderada pela edilidade, de alterar o nome da Porta do Rossio para Porta do Progresso<sup>9</sup>. Um espírito progressista que José Ramalho Perdigão e Inácia Fernandes protagonizaram, enquanto casal, na Évora de Oitocentos, por meio de ações que foram, simultaneamente, beneméritas e de afirmação de prestígio social, a que o município e a imprensa local foram dando reconhecimento. Tendo o lavrador contribuído generosamente para a construção do Jardim Público, um dos acessos laterais daquele equipamento foi aberto frente à fachada principal da nova residência de José Ramalho Perdigão, articulando urbanisticamente as duas construções. Em 1865, o jornal *Folha do Sul* destacava o seu papel na concretização daquele melhoramento urbano: “Não queremos fazer excepção, mas injustos não sabemos ser. Os donativos valiosíssimos do senhor Ramalho, e a infatigável diligencia do senhor Cinnati, dão-lhes direitos ao reconhecimento publico, registando estes dois nomes cumprimos o nosso dever”<sup>10</sup>.

The progressive spirit that the arrival of the railway aroused among the people of Évora is also evident in the possibility, considered by the city council, of changing the name of the Rossio Gate to Progress Gate<sup>9</sup>. A progressive spirit that José Ramalho Perdigão and Inácia Fernandes, as a couple, led in the Évora of the 1800s, through actions that were both benevolent and an affirmation of social prestige, to which the municipality and the local press gave recognition. Since the farmer had contributed generously to the construction of the Public Garden, one of the side accesses to that facility was opened in front of the main façade of José Ramalho Perdigão’s new residence, thus linking the two buildings urbanistically. In 1865, the newspaper *Folha do Sul* highlighted his role in the realisation of this urban improvement: “We do not want to make an exception, but we do not know how to be unfair. Mr Ramalho’s very valuable donations and Mr Cinnati’s untiring diligence entitle them to public recognition, and by recording these two names we have fulfilled our duty”<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> RODRIGUES, P. S. – “Évora, Urbanismo e Arquitectura: os projectos para o bairro Cenáculo”. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 5 (2001), pp. 76 e 82.  
<sup>10</sup> *Folha do Sul*, 18 de fevereiro, 1865, p. 1.

<sup>9</sup> RODRIGUES, P. S. – “Évora, Urbanismo e Arquitectura: os projectos para o bairro Cenáculo”. *A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, n.º 5 (2001), pp. 76 e 82.  
<sup>10</sup> *Folha do Sul*, 18 de fevereiro, 1865, p. 1.

Após o falecimento de José Ramalho Perdigão em 1884, a sua viúva, Inácia Fernandes, não só manterá a ação benemérita do casal, como a ampliará com o seu segundo casamento. Filha de um lavrador e negociante (Manuel José Piteira Fernandes), Inácia Fernandes protagonizará um percurso de mobilidade e afirmação social por meio do casamento que terminará com a sua vinculação à aristocracia local por via da família do seu segundo marido, Francisco Eduardo de Barahona Fragoso Cordovil de Gama Lobo. Francisco Barahona era filho de um fidalgo alentejano, José Maria de Barahona Fragoso Cordovil de Gama Lobo, nobilitado pelo regime liberal com o título de Conde da Esperança. O próprio Francisco Barahona foi moço fidalgo com exercício na Casa Real e Par do Reino<sup>11</sup>. Os perfis socioeconómicos de José Ramalho Perdigão, Inês Fernandes e Francisco Barahona Fragoso, assim como o facto das vidas dos três se terem cruzado, são fruto e consequência da reorganização dos poderes locais levada a cabo após a vitória do regime liberal e burguês em 1834, de que resultou, no Alentejo, uma oligarquia de proprietários rurais que misturava membros da velha nobreza local e lavradores recentemente enriquecidos<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> RODRIGUES, P. S. (2007) – “Urbanismo, arquitectura e monumentos nacionais na Évora oitocentista: balanço historiográfico”. In S. Leandro (coord.), *Seminário de Estudos de Arte: Estudos da Forma I*. Évora: Edições Eu é que sei, pp. 141-161; RODRIGUES, P. S. (2014) – “O paradoxo da cidade moderna: demolição criadora e conservação renovadora nos jardins públicos eborenses”. In F. Serra (ed.), *Global – Art – Scapes (series). Cidadania, Paisagem Urbana e Jardim Público*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 25-33.  
<sup>12</sup> FONSECA, H. A. (1996) – *O Alentejo no Século XIX. Economia e Atitudes Económicas*. S.l.: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.

After the death of José Ramalho Perdigão in 1884, his widow, Inácia Fernandes, not only maintained the couple’s charitable endeavours, but also extended them with her second marriage. The daughter of a farmer and trader (Manuel José Piteira Fernandes), Inácia Fernandes embarked on a path of social mobility and affirmation through marriage that ended with her joining the local aristocracy through the family of her second husband, Francisco Eduardo de Barahona Fragoso Cordovil de Gama Lobo. Francisco Barahona was the son of a nobleman from Alentejo, José Maria de Barahona Fragoso Cordovil de Gama Lobo, who was honoured by the liberal regime with the title of Count of Hope. Francisco Barahona himself was a young nobleman who served in the Royal Household and was a Peer of the Realm<sup>11</sup>. The socio-economic profiles of José Ramalho Perdigão, Inês Fernandes and Francisco Barahona Fragoso, as well as the fact that the lives of all three intersected, are the fruit and consequence of the reorganisation of local powers carried out after the victory of the liberal and bourgeois regime in 1834, which resulted in the Alentejo in an oligarchy of landowners that mixed members of the old local nobility and recently enriched farmers<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> RODRIGUES, P. S. (2007) – “Urbanismo, arquitectura e monumentos nacionais na Évora oitocentista: balanço historiográfico”. In S. Leandro (coord.), *Seminário de Estudos de Arte: Estudos da Forma I*. Évora: Edições Eu é que sei, pp. 141-161; RODRIGUES, P. S. (2014) – “O paradoxo da cidade moderna: demolição criadora e conservação renovadora nos jardins públicos eborenses”. In F. Serra (ed.), *Global – Art – Scapes (series). Cidadania, Paisagem Urbana e Jardim Público*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 25-33.  
<sup>12</sup> FONSECA, H. A. (1996) – *O Alentejo no Século XIX. Economia e Atitudes Económicas*. S.l.: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.



<sup>13</sup> BERNARDO, M. A. – “A modernização das infraestruturas de saneamento na cidade de Évora: as vicissitudes do processo (1890-1933)”. *A Cidade de Évora*, 2001, 5, pp. 259-289; RODRIGUES, P. S. (2017) – “Legado Barahona: a arqueologia de uma coleção privada de arte entre a intimidade e a representação social”. In A. Cavalcanti, A. Valle, M. J. Neto, M. Malta, S. G. Pereira (coord.), *Arte e seus Lugares: coleções e espaços reais. Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI. IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Edições EBA, pp. 395-410.  
<sup>14</sup> ALMEIDA, F. de (2002) – *Em Évora*. Évora: Diário do Sul.

<sup>13</sup> BERNARDO, M. A. – “A modernização das infraestruturas de saneamento na cidade de Évora: as vicissitudes do processo (1890-1933)”. *A Cidade de Évora*, 2001, 5, pp. 259-289; RODRIGUES, P. S. (2017) – “Legado Barahona: a arqueologia de uma coleção privada de arte entre a intimidade e a representação social”. In A. Cavalcanti, A. Valle, M. J. Neto, M. Malta, S. G. Pereira (coord.), *Arte e seus Lugares: coleções e espaços reais. Anais do VIII Seminário do Museu D. João VI. IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e no Brasil nos Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Edições EBA, pp. 395-410.  
<sup>14</sup> ALMEIDA, F. de (2002) – *Em Évora*. Évora: Diário do Sul.

Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, Francisco Barahona teve como principal atividade a administração das suas propriedades fundiárias, embora também se tenha envolvido diretamente na política eborense: foi presidente do município de 1896 a 1905, e fundou o jornal *Notícias de Évora* em 1900. Casado com Inácia Fernandes em 1887, os dois patrocinaram um conjunto de melhoramentos materiais e sociais na cidade de Évora que incluíram a conservação, o restauro e o reenquadramento urbano de um conjunto de importantes monumentos históricos. Francisco e Inácia Barahona Fernandes contribuíram financeiramente, por vezes suportando a totalidade dos custos, para os restauros da tardo-gótica Igreja de São Francisco (1894) e da Ermida de São Brás (1904-1906), para a reparação do Aqueduto da Água da Prata (1894-1900) – levantado no século XVI, era ainda, na centúria de XIX, a principal fonte de abastecimento de água da cidade – e para a edificação do Teatro Garcia de Resende (1881-1892), iniciado ainda em vida de José Ramalho Perdigão. Foram também os responsáveis pela construção do Asilo Ramalho-Barahona, inaugurado em 1908. Nesse mesmo ano, no Jardim de Diana (atual Jardim Conde de Shomberg), junto ao templo romano, foi levantada uma estátua de homenagem a Francisco Barahona, que tinha falecido em 1905. Da autoria do escultor José Simões de Almeida (1844-1926) e do arquiteto Alfredo Costa Campos (1863-1911), o monumento é composto pelo busto do benemérito, por uma figura alegórica em representação da cidade e por uma inscrição, em que se pode ler “Évora Reconhecida”<sup>13</sup>.

Aquando do seu casamento com Inácia Fernandes, Francisco Barahona Fragoso passará a morar na residência apalaçada erigida por José Ramalho Ortigão, naquela que era, segundo a opinião do escritor Fialho de Almeida, “a mais elegante casa moderna da cidade”<sup>14</sup>, cuja história passaremos a descrever.

With a degree in law from the University of Coimbra, Francisco Barahona’s main activity was the administration of his land properties, although he was also directly involved in politics in Évora: he was president of the municipality from 1896 to 1905 and founded the newspaper *Notícias de Évora* in 1900. Married to Inácia Fernandes in 1887, the two of them sponsored a series of material and social improvements in the city of Évora that included the conservation, restoration, and urban reorganisation of several important historical monuments. Francisco and Inácia Barahona Fernandes contributed financially, sometimes bearing the entire cost, to the restorations of the late-Gothic Church of São Francisco (1894) and the Chapel of São Brás (1904-1906), to the repair of the Água da Prata Aqueduct (1894-1900) - built in the 16th century, it was still the city’s main source of water supply in the 19th century - and to the construction of the Garcia de Resende Theatre (1881-1892), which began while José Ramalho Perdigão was still alive. They were also responsible for the construction of the Ramalho-Barahona Asylum, inaugurated in 1908. That same year, in the Garden of Diana (presently Garden of the Count of Shomberg), next to the Roman temple, a statue was erected in honour of Francisco Barahona, who had died in 1905. Designed by the sculptor José Simões de Almeida (1844-1926) and the architect Alfredo Costa Campos (1863-1911), the monument consists of a bust of the benefactor, an allegorical figure representing the city, and an inscription reading “Évora Recognised”<sup>13</sup>.

Upon marrying Inácia Fernandes, Francisco Barahona Fragoso relocated to the palatial residence erected by José Ramalho Ortigão, which, according to writer Fialho de Almeida, was “the most elegant modern house in the city”<sup>14</sup>, the history of which we shall now describe.

---

03

BIOGRAFIA DE UM EDIFÍCIO:  
O PALÁCIO BARAHONA

Biography of a building: the Barahona Palace

Como verificámos páginas atrás, José Ramalho Perdigão terá iniciado a construção da sua nova residência eborense entre 1857 e 1858. A intenção de que a casa fosse um dispositivo de afirmação social também se terá refletido na escolha do arquiteto para a projetar. A opção por Giuseppe Cinatti teve certamente em consideração os trabalhos de decoração de interiores e arquitetura que o italiano vinha fazendo, desde a década de 1840, para as mais distintas personalidades da sociedade portuguesa. Formado em arquitetura pela Academia de Belas Artes de Milão, Cinatti tinha vindo para Portugal em 1836, com 28 anos, para trabalhar como cenógrafo no Real Teatro de São Carlos, em Lisboa. No nosso país, embora se vissem os tempos politicamente conturbados dos primeiros anos do Liberalismo, Cinatti encontrou condições favoráveis ao desenvolvimento de uma carreira, em primeiro lugar enquanto cenógrafo, mas depois também como decorador e arquiteto. Na qualidade de decorador e arquiteto, em Lisboa, nos anos que antecederam a sua atividade em Évora, colaborou com Joaquim Possidónio da Silva, arquiteto da Casa Real, na remodelação e decoração do Palácio das Necessidades entre 1844 e 1846, e foi o arquiteto responsável pela remodelação e ampliação do palácio setecentista do primeiro Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein, ao Calhariz.

As we reviewed several pages earlier, José Ramalho Perdigão embarked on the construction of his new Évora residence between 1857 and 1858. The aspiration for it to serve as a symbol of social standing was also evident in the choice of architect to design it. Opting for Giuseppe Cinatti undoubtedly factored in his expertise in interior decoration and architectural work, which he had been involved in since the 1840s for some of the most distinguished figures in Portuguese society. Armed with an architecture degree from the Academy of Fine Arts in Milan, Cinatti arrived in Portugal in 1836 at the age of 28 to work as a set designer at the Royal Theatre of São Carlos in Lisbon. In Portugal, despite the politically tumultuous early years of Liberalism, Cinatti found propitious circumstances to cultivate his career, initially as a set designer and later as both a decorator and an architect. During his tenure as a decorator and architect in Lisbon, prior to his engagements in Évora, he collaborated with Joaquim Possidónio da Silva, the architect of the Royal House, on the renovation and decoration of Necessidades Palace between 1844 and 1846. Additionally, Cinatti was the architect responsible for the revamp and expansion of the 18<sup>th</sup> century palace of the first Duke of Palmela, Pedro de Sousa Holstein, at Calhariz.

A colaboração do arquiteto italiano com os Sousa Holstein estendeu-se à geração seguinte, designadamente ao filho de D. Pedro, D. Domingos de Sousa Holstein, primeiro Marquês do Faial e segundo Duque de Palmela. Além de intervir no melhoramento do palácio de D. Domingos no Lumiar, Cinatti recebeu a muito relevante incumbência de desenhar o panteão familiar dos Palmela no Cemitério dos Prazeres, concluído em 1849. Também trabalhou para elementos da nova elite burguesa liberal, como sucedeu com o capitalista Tomás Maria Bessone, para quem, entre 1856 e 1860, renovou, no Chiado, o antigo palácio dos Condes da Ribeira e projetou uma residência de veraneio em Paço de Arcos. Ainda em 1856, quando Ramalho Perdigão já negociava a ampliação da sua propriedade com o município de Évora, Cinatti foi encarregue da renovação do Palácio dos Marqueses de Castelo-Melhor, mais uma vez em Lisboa, junto ao Passeio Público, o atual Palácio Foz, na Praça dos Restauradores<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> LEAL, J. E. da C., *op. cit.*, pp. 85-199.

This collaboration with the Sousa Holstein family extended into the next generation, notably with Pedro's son, Domingos de Sousa Holstein, the first Marquis of Faial and the second Duke of Palmela. In addition to his contributions to the improvement of Domingos' Lumiar palace, Cinatti undertook the significant task of designing the Palmela family pantheon in the Prazeres Cemetery, completed in 1849. Cinatti also lent his talents to members of the new liberal bourgeois elite. Notably, he worked for the capitalist Tomás Maria Bessone, overseeing the renovation of the former palace of the Counts of Ribeira in Chiado and designing a vacation residence in Paço de Arcos between 1856 and 1860. Also in 1856, while Ramalho Perdigão was already in discussions with the Évora municipality regarding property expansion, Cinatti received a commission to renovate the Palace of the Marquises of Castelo-Melhor, also situated in Lisbon, adjacent to the Passeio Público. This palace, now known as the Foz Palace, stands in Restauradores Square<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> LEAL, J. E. da C., *op. cit.*, pp. 85-199.



Em Évora, para o lavrador José Ramalho Perdigão, Cinatti desenhou um palácio de planta em U irregular, com uma área total coberta de 1054 m<sup>2</sup>. A irregularidade da planta ficou a dever-se ao contexto urbano em que o edifício foi implantado. O seu limite sul ficou incrustado na muralha medieval da cidade, no local exato em que começa o Baluarte do Príncipe. O ângulo reto configurado pela fortificação limitou o desenvolvimento da planta do edifício, fazendo com que a ala sul acabasse por ficar mais pequena. Desde 1856 que José Ramalho Perdigão negociava, com a Câmara Municipal de Évora, o alargamento da propriedade que adquirira à família da sua futura mulher, de maneira a conseguir mais espaço para a construção da sua nova residência. As negociações prolongaram-se até 1859, mas foram bem-sucedidas, permitindo a instalação de um jardim sobre a estrutura do baluarte. A construção do jardim levou a nova solicitação de José Ramalho Perdigão ao município. Desta vez, o lavrador pediu que lhe fosse concedida uma maior porção do fornecimento de água proveniente do Aqueduto da Água da Prata, de maneira a conseguir ter água corrente nos seus jardins.

In Évora, Giuseppe Cinatti designed an irregular U-shaped palace with a total covered area of 1054 m<sup>2</sup> for the farmer José Ramalho Perdigão. The irregularity of the plan arose from the urban context in which the building was situated. Its southern boundary was integrated into the medieval city wall, precisely where the Prince's Bastion begins. The fortification's right angle configuration constrained the building's layout, resulting in a smaller south wing. From 1856, José Ramalho Perdigão had been engaged in negotiations with the Évora City Council to expand the property he had acquired from his future wife's family, aiming to secure more space for his new residence's construction. These negotiations persisted until 1859 and ultimately succeeded, enabling the establishment of a garden atop the bastion's structure. The garden's creation prompted another request from José Ramalho Perdigão to the municipality, this time seeking a larger share of the water supply from the Água da Prata Aqueduct to provide running water for his gardens.



<sup>16</sup> Referimo-nos a *Viagem a Beja e a Évora em 26 de Junho de 1867* de Carlos Basto (1843-1915?), texto manuscrito e ilustrado com desenhos que preenche quatro volumes, nos quais o autor registou as suas impressões de uma viagem que efetuou às duas cidades alentejanas. O manuscrito original está atualmente na posse de Fernando Marques da Costa. Carlos Basto era filho de Nuno José Peixoto Basto e genro do supracitado Tomás Maria Bessone. O manuscrito inclui um desenho com a representação do Rossio de São Brás, da Porta do Rossio, do Jardim Público e do Palácio Barahona, que ele nomeia de “Caza Ramalho” (“Rocio, Entrada de Evora, Caza do Ramalho e Passeio Publico”). Carlos Basto visitou José Ramalho Perdigão na sua residência e a descrição que faz do imóvel permite-nos conhecer o seu estado em 1867. LEAL, J. E. da C., *op. cit.*, p. 206; BASTO, C. – *Viagem a Beja e Évora em 20 de Junho de 1867*, 3º vol., f.25, 4º vol. Fls. 22-23.

<sup>16</sup> We are referring to *Viagem a Beja e a Évora em 26 de Junho de 1867* — a journey to Beja and Évora on the 26th of June 1867 — by Carlos Basto (1843-1915?), a handwritten text illustrated with drawings that fills four volumes. In this work, the author recorded his impressions of a trip he made to the two Alentejo cities. The original manuscript is currently in the possession of Fernando Marques da Costa. Carlos Basto was the son of Nuno José Peixoto Basto and the son-in-law of the aforementioned Tomás Maria Bessone. The manuscript includes a drawing depicting the Rossio de São Brás, the Rossio Gate, the Public Garden, and the Barahona Palace, which he names as the “Caza Ramalho” (“Rocio, Entrada de Evora, Caza do Ramalho e Passeio Publico”). Carlos Basto visited José Ramalho Perdigão at his residence, and his description of the property gives us an idea of its condition in 1867. LEAL, J. E. da C., *op. cit.*, p. 206; BASTO, C. – *Viagem a Beja e Évora em 20 de Junho de 1867*, 3º vol., f.25, 4º vol. Fls. 22-23.



Os condicionamentos da estrutura urbanística na zona da cidade em que o edifício foi levantado também levaram a que a sua entrada principal fosse axial, virada para o Jardim Público, conferindo-lhes, ao palácio e ao jardim, uma relação de complementaridade urbana que evoca uma ideia de cidade moderna que tinha em Paris o seu principal modelo. Acedendo ao interior do edifício por esta entrada, a distribuição dos espaços é feita a partir de um pátio interior, semicoberto por uma abóboda decorada com florões e ajardinado à maneira tradicional. Os espaços da casa, por sua vez, estão organizados por duas alas (norte e sul) e por dois pisos. Originalmente, e de acordo com uma fonte coeva da época<sup>16</sup>, a ala norte correspondia à zona habitacional, onde estavam situados tantos os espaços de sociabilidade burguesa como os de intimidade familiar, enquanto a ala sul foi destinada a acolher os hóspedes. Inclusivamente, de maneira a garantir a intimidade dos donos da casa, existiam percursos alternativos para o casal e para as visitas.

The constraints imposed by the urban layout in the building's vicinity also dictated the placement of its main entrance, axially aligned with the Public Garden. This arrangement fostered an urban synergy between the palace and the garden, evoking the idea of a contemporary city influenced by the model of Paris. Upon entering the building through this entrance, the interior spaces are organized around an internal courtyard, partially covered by a dome adorned with floral motifs and landscaped in a traditional style. The house comprises two wings (north and south) and two floors. Originally, according to a coeval source<sup>16</sup>, the north wing served as the living quarters, encompassing spaces for both bourgeois socializing and family privacy, while the south wing was intended for accommodating guests. To ensure the residents' privacy, separate pathways were even designated for the couple and visitors.

O piso térreo era constituído por dezanove divisões, nove das quais estavam destinadas aos serviços domésticos, em que estavam incluídas a cozinha e as dispensas. As principais divisões, em número de quinze, estavam localizadas no primeiro andar, o piso nobre, designadamente os aposentos privados dos donos da casa, a sala de jantar, as salas de receção (o salão de baile e a sala de estar ou de conversar, como se dizia à época), a sala de jogo e os aposentos dos hóspedes. No átrio, uma imponente escadaria, iluminada por janelões abertos para o pátio, estabelece o acesso entre os dois pisos. Os aposentos do pessoal doméstico, distribuídos por cinco quartos, ficavam num andar esconso, invisível da fachada principal, situado cima do segundo piso. As cocheiras, as cavaliças, os picadeiros e o armazém foram colocados no limite final do jardim.

No exterior, a fachada principal, virada para o jardim público, está organizada em três tramos simétricos, delimitados por cunhais nos ângulos das extremidades e, no corpo central, por duas grossas pilastras que repetem o desenho dos cunhais. Os dois pisos são delimitados por um friso, com o piso térreo a destacar-se pela abertura, no corpo e tramo centrais, de três largas portas em formato de arco de volta inteira. As três portas correspondem à entrada principal do palácio, dando acesso ao acima referido pátio semicoberto. Sobre os três portais, uma varanda destaca o andar superior como o mais importante da casa. A varanda é suportada por sete medalhões, intercalados por cartelas ornamentadas. O motivo do balcão é repetido no segundo piso da fachada virada a sul, para o jardim e muro do Baluarte do Príncipe.

The ground floor encompassed nineteen rooms, including nine for domestic services such as the kitchen and pantries. The principal spaces, fifteen in total, were situated on the first floor – the noble level. These spaces included the private chambers of the homeowners, the dining room, reception rooms (the ballroom and the living room, known as the parlour at the time), a game room, and guest quarters. An impressive staircase, illuminated by courtyard-facing windows, adorned the atrium, and connected the two floors. Hidden from the main façade, the domestic staff quarters, with five rooms, occupied a concealed floor above the second floor. The stables, riding arenas, equestrian facilities, and storage room were located at the garden's far end.

Externally, the main façade, which faces the public garden, is divided into three symmetrical sections, bordered by cornerstones at each end and, in the central section, by two substantial pilasters mirroring the cornerstones' design. The two floors are distinguished by a frieze, with the ground floor notable for the presence of three large, fully arched doorways at the centre. These doors serve as the palace's main entrance, leading to the aforementioned partially covered courtyard. Positioned above these doorways, a balcony accentuates the prominence of the upper floor. The balcony is supported by seven medallions adorned with intricate cartouches. This balcony motif is also replicated on the second floor of the south-facing façade, overlooking the garden and the Prince's Bastion wall.





Os cunhais, os frisos, as molduras dos portais e das janelas, os medalhões e as cartelas, a banda, a cornija, a balaustrada e os restantes elementos decorativos são em cantaria branca, a qual contrasta com o cromatismo do reboco das paredes.

The cornerstones, friezes, portal and window mouldings, medallions, cartouches, band, cornice, and balustrade are crafted from white stonework, creating a contrast with the plastered walls' colour.

Nos dois pisos, adjacentes ao tramo central, duas fileiras de janelas contornam todo o imóvel. No piso térreo, são janelas de peitoril, de moldura simples, em forma de arco de volta inteira. No piso superior, são janelas de sacada, também em forma de arco de volta inteira, mas com as molduras superiores decoradas com folhagem em relevo. Sobre as janelas do segundo piso, um segundo friso, mais estreito, acompanha a fileira de janelas à volta de todo o edifício, que, ao contorná-las, sugere a presença de um segundo arco ou de uma arquivolta. Na extremidade superior, o edifício é rematado por uma banda decorada à maneira lombarda, colocada sobre a cornija, e uma balaustrada. Os cunhais, os frisos, as molduras dos portais e das janelas, os medalhões e as cartelas, a banda, a cornija, a balaustrada e os restantes elementos decorativos são em cantaria branca, a qual contrasta com o cromatismo do reboco das paredes.

The two floors flanking the central section are surrounded by two rows of windows that encircle the entire building. On the ground floor, these are single-framed sill windows with full-turn arches. On the upper floor, bay windows resembling full-length arches feature upper frames adorned with relief foliage. A narrower frieze accompanies the row of windows on the second floor, suggesting the presence of a second arch or an archivolt. At the uppermost point, a Lombard-style decorative band is positioned on the cornice, followed by a balustrade. The cornerstones, friezes, portal and window mouldings, medallions, cartouches, band, cornice, and balustrade are crafted from white stonework, creating a contrast with the plastered walls' colour.

Em termos gerais, o Palácio Barahona caracteriza-se estilisticamente por um ponderado e depurado ecletismo que conjuga os valores classicizantes dos palácios renascentistas italianos com uma interpretação erudita da arquitetura eborense dos séculos XV e XVI, o período em que a cidade atingiu o seu apogeu enquanto centro político do reino. Os valores classicizantes estão patentes no uso recorrente do arco de volta inteira, nas varandas e na balaustrada. As referências à arquitetura eborense estão presentes no modo como o edifício se integra na malha urbana, na robustez geométrica da sua estrutura, com os corpos em formato de caixa, na existência de um pátio interior semicoberto por uma abóboda de evocação tardo-medieval e na decoração vegetalista, a remeter para a gramática ornamental tardo-medieval ou manuelina. A ligação à história de Évora é ainda sinalizada pela reintegração de dois elementos escultóricos oriundos de uma das antigas casas religiosas da cidade, o Convento do Espinheiro, vendidos após a extinção das ordens religiosas em 1834: um portal rococó, que foi adaptado à porta exterior de acesso ao jardim do Baluarte do Príncipe, e uma gárgula ou quimera, que foi colocada a ornamentar o tanque desse mesmo jardim (atualmente no pátio interior da entrada). As duas intervenções terão sido realizadas no final da década de 1880.

In broad terms, the Barahona Palace exhibits a stylistic character marked by a deliberate and refined eclecticism, blending the classicizing elements of Italian Renaissance palaces with an erudite interpretation of 15<sup>th</sup> and 16<sup>th</sup> century architectural styles present in the city. This period marked the pinnacle of the city's significance as the political hub of the kingdom. The classicizing elements are evident in the recurring use of full-turn arches, balconies, and the balustrade. References to Évora's architectural history are noticeable in the building's integration into the urban fabric, the geometric strength of its box-like structures, the presence of an interior courtyard with a dome reminiscent of late medieval architecture, and the plant-based decorations that evoke late medieval or Manueline ornamental aesthetics. Additionally, the incorporation of two sculptural elements from the former religious house Convent of Espinheiro, sold after the extinction of the religious orders in 1834, reinforces the connection to Évora's history. The elements were a rococo portal that was adapted as an exterior door leading to the Prince's Bastion garden, and a gargoyle or chimera adorned the pond in the same garden (now located within the entrance's interior courtyard). These interventions were likely carried out in the late 1880s.



<sup>17</sup> EAL, J. E. da C., *op. cit.*, pp. 203 e 268.

<sup>18</sup> BASTO, C., *op. cit.*, 2º vol., fl. 59.

<sup>17</sup> EAL, J. E. da C., *op. cit.*, pp. 203 e 268.

<sup>18</sup> BASTO, C., *op. cit.*, 2º vol., fl. 59.

A demonstrar, mais uma vez, como a construção do Palácio Barahona deve ser entendida como parte de uma renovação mais ampla da zona sul da cidade, da sua transformação numa nova centralidade urbana, no contexto da chegada do caminho-de-ferro a Évora, em 1863, o Município e o Ministério da Guerra, entidade que detinha a posse das muralhas, permitiram que José Ramalho Perdigão remodelasse a Porta do Rossio, por a achar primitiva e pouco adequada à beleza da sua residência. A obra foi também entregue a Giuseppe Cinatti, que adotou duas colunas monumentais à muralha, que rematou por duas esferas e decorou com as armas de Portugal e Évora. No mesmo ano, o lavrador também conseguiu o aforamento do recanto do Rossio mais próximo da sua casa, a fim de o sanar da frequência marginal que aparentemente o frequentava, comprometendo-se, como compensação, com o seu ajardinamento<sup>17</sup>.

Com base nas fontes coevas disponíveis (ver nota 16), sabemos que José Ramalho Perdigão já morava no Palácio no Verão de 1867, embora este ainda estivesse em fase de acabamentos, faltando as salas de baile<sup>18</sup>. A partir daqui e até à década de 1890, pouco sabemos sobre a conclusão da obra do Palácio, em particular acerca da decoração dos seus interiores. Não sendo plausível que aquela tenha decorrido sobretudo após a morte de José Ramalho Perdigão em 1884 e com o segundo casamento de Inácia Fernandes em 1887, ou seja, com uma demora de cerca de vinte anos, é lícito deduzir que, na história do Palácio, a fase de Francisco Barahona Fragozo se destacou porque contou com a participação de importantes artistas nacionais na sua decoração, como mostraremos de seguida.

The construction of the Barahona Palace is further indicative of its role in the broader transformation of the city's southern area into a new urban hub, closely tied to the arrival of the railway in Évora in 1863. This urban revitalization prompted the Municipality and the Ministry of War, which owned the walls, to permit José Ramalho Perdigão's remodelling of the Rossio Gate. This renovation was deemed necessary due to the gate's outdated appearance, which did not complement the beauty of his residence. Giuseppe Cinatti was once again entrusted with the task, and he added two grand columns to the wall, crowned with spheres and adorned with the coats of arms of Portugal and Évora. In the same year, Ramalho Perdigão secured the lease of the Rossio corner closest to his house, aiming to address the presence of marginalized individuals in the area. As part of the arrangement, he pledged to landscape the space as compensation<sup>17</sup>.

Based on the coeval sources available (see note 16), it is known that José Ramalho Perdigão was already residing in the Palace during the summer of 1867, even though its construction was still ongoing and the ballrooms were not yet completed<sup>18</sup>. From that point until the 1890s, information regarding the Palace's completion, especially its interior decoration, is scarce. While it is unlikely that most of the decoration took place after José Ramalho Perdigão's death in 1884 and Inácia Fernandes's second marriage in 1887, implying a delay of about twenty years, it can be inferred that Francisco Barahona Fragozo's era was characterized by the involvement of significant national artists in the decoration of the Palace, as will be discussed further below.



---

04

A DECORAÇÃO DO  
PALÁCIO E A COLEÇÃO  
BARAHONA

The decoration of the Palace and the Barahona Collection

Casados, Inácia Fernandes e Francisco Barahona Fragoso ficaram a morar na residência construída por José Ramalho Perdigão. As intervenções no edifício que se seguiram, mormente a partir de 1892, poderão ter resultado, muito provavelmente, de um processo de rededecoração efetuado no âmbito da mudança de proprietário. Enquanto os tetos foram decorados com estuques de Domingos Meira (1840-1928) e pinturas de António Ramalho (1858-1916), as paredes do vestíbulo principal receberam composições a fresco de António Carneiro (1872-1930). Nos tetos do salão de baile, merecem destaque os medalhões pintados com alegorias às artes, à indústria, à agricultura e ao comércio. As composições do vestíbulo representam perspetivas das ruas que circundam o edifício, posicionadas na direção das paredes em que estão representadas. No alçado principal da escadaria que, a partir do vestíbulo, dá acesso ao segundo andar, está exposto um monumental painel de temática histórica, também da autoria de António Carneiro, datado de 1902 e intitulado *Uma Página da História: A Reconquista de Évora aos Espanhóis por D. Sancho Manuel em 1663*. Os temas escolhidos para as pinturas do vestíbulo indiciam a intenção dos seus encomendadores e proprietários da casa de sublinhar o seu vínculo à cidade de Évora e à respetiva história.

After their marriage, Inácia Fernandes and Francisco Barahona Fragoso took up residence in the building constructed by José Ramalho Perdigão. Subsequent interventions within the building, particularly starting from 1892, likely resulted from a redecoration process carried out in the context of the change of ownership. The ceilings were adorned with stuccos crafted by Domingos Meira (1840-1928) and paintings executed by António Ramalho (1858-1916), while the main vestibule's walls received fresco compositions by António Carneiro (1872-1930). The ballroom's ceilings feature medallions adorned with allegorical representations of the arts, industry, agriculture, and commerce. The compositions in the vestibule depict perspectives of the streets surrounding the building, oriented toward the very walls they adorn. The main staircase's façade leading to the second floor from the vestibule showcases a monumental panel bearing a historical theme. Created by António Carneiro and dated 1902, it is titled *A Page of History: The Reconquest of Évora from the Spanish by D. Sancho Manuel in 1663*. These chosen painting themes in the vestibule underscore the commissioners' and house owners' intent to highlight their connection to the city of Évora and its historical narrative.



Quanto ao mobiliário e aos objetos decorativos, predominava um gosto eclético e de influência francesa, como podemos perceber por três fotografias de José Monteiro Serra, datadas de 1899, pertencentes ao espólio do Grupo Pró-Évora, depositadas no Arquivo Fotográfico de Évora. As fotografias de José Monteiro Serra registam três divisões do palácio que no guia *Atravez a Cidade de Évora*, publicado em 1900, são identificadas como o salão de baile e o salão das Belas Artes, com a seguinte descrição:

“São dignos de atenção n’elle, pela sua belleza e riqueza: o salão de baile com seus bellos estuques e pinturas; seu lustre monstro e seus grandes candelabros de cobre dourado; o salão de recepção com seus candelabros de Sévres, e uma grande bacia do Japão; salão das Belas Artes, com quadros, desenhos e esculturas de auctores nacionais, notando-se: aguarella de Sua Magestade a Rainha D. Amelia; desenho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona; aguarellas de Casanova; quadros de Bordallo; de Ramalho; etc.; estatuas, em marmore branco, do Pudor; da Juventude (Daphne e Chloé); de Bernardim Ribeiro; todas de inexcedível execução; bustos, em marmore branco, de Anthero de Quental; Teixeira de Aragão; Oliveira Martins; e de Manuel Bento de Sousa; busto em bronze de Rodrigo da Fonseca Magalhães, etc.”<sup>19</sup>



Regarding the furniture and decorative items, a prevailing eclectic style with French influence is evident. This is particularly visible in three photographs taken by José Monteiro Serra in 1899, which are part of the collection of the Pro-Évora Group and are housed in the Évora Photographic Archive. These photographs provide a glimpse into three rooms within the palace, identified in the 1900 guidebook *Atravez a Cidade de Évora*. The rooms are specified as the ballroom and the Fine Arts room, with the following description:

“The following are worthy of attention in it, for their beauty and richness: the ballroom with its beautiful stuccos and paintings; its impressive chandelier and its large gilded copper candelabras; the reception hall adorned with Sévres candelabras and a sizable basin from Japan; the Fine Arts hall, featuring paintings, drawings, and sculptures by national artists, including a watercolour by Her Majesty Queen Amelia; a drawing of the Most Illustrious Lady Mrs. Ignacia Angelica Fernandes Ramalho de Barahona; watercolours by Casanova; paintings by Bordallo; by Ramalho; etc.; statues in white marble, such as Pudour, Youth (depicting Daphne and Chloé), and Bernardim Ribeiro, all impeccably executed; as well as busts in white marble, including Anthero de Quental, Teixeira de Aragão, Oliveira Martins, and Manuel Bento de Sousa; a bronze bust of Rodrigo da Fonseca Magalhães, etc.”<sup>19</sup>

<sup>19</sup> MANUEL, C. da C. (1900) – *Atravez a Cidade de Évora ou Apontamentos sobre a cidade de Évora e seus monumentos*. Évora: Minerva Comercial, p. 46.

<sup>19</sup> MANUEL, C. da C. (1900) – *Atravez a Cidade de Évora ou Apontamentos sobre a cidade de Évora e seus monumentos*. Évora: Minerva Comercial, p. 46.



A riqueza e o luxo da decoração do interior da residência Barahona foram novamente descritos em 1909:

“Casa do Dr. Barahona - quadros e marmores de artistas portuguezes, outros objectos d’arte e um rarissimo tapete persa, tecido de seda, com bicharia, dois metros por um de largo (pouco mais ou menos), em que tive o prazer de pôr os meus pés e que valia a bagatella de vinte contos de réis”<sup>20</sup>.

Dos “outros objectos d’arte” que constituíam o património artístico dos Barahona fazia parte uma famosa baixela em prata fabricada pela Casa Leitão & Irmão, joalheiros e ourives da Casa Real. Encomendada em 1894, mas executada somente em 1900, pelos ouvires Augusto Luís de Sousa e Francisco Inácio Cardoso, o desenho e a modulação da Baixela Barahona eram da autoria do pintor Columbano Bordalo Pinheiro. A partir desta encomenda, A Casa Leitão & Irmão iniciou uma linha de ourivesaria nacional inspirada na decoração do século XVIII, tal como foi formulada, em Portugal, na arquitetura religiosa e civil, e nas artes industriais<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> QUEIROZ, J. (1909) – “Joaquim de Vasconcellos, Carolina Michaëllis de Vasconcellos, Evora”. In *Da Minha Terra: Figuras Gradas. Impressões de Arte*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, p. 20.

<sup>21</sup> (1900). *Baixella Barahona. Um Problema d’Arte*. Lisboa: Leitão & Irmão; (1908). *Leitão & Irmão. Joalheiros da Coroa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro*. Lisboa: Typographia A Editora; LEMOS, A. de (1906) - “A Baixella Barahona”. In *Notas d’Arte*. Porto: Typographia Universal, pp. 193- 196; ORTIGÃO, R. - “A Arte Aplicada em Portugal (A propósito da Baixela Barahona)”. *Brasil-Portugal*, 2 (34), 16 junho, 1900.

The opulence and grandeur of the interior decoration of the Barahona residence were once again highlighted in 1909:

“Dr. Barahona’s house - paintings and marbles by Portuguese artists, other objects d’art, and a rare Persian carpet with silk woven, adorned with critters, two meters by one meter wide (give or take a little), upon which I had the pleasure of stepping on and which was worth the considerable sum of twenty *contos de réis*.”<sup>20</sup>.

One of the noteworthy components within the Barahona’s collection of art objects was a renowned silver tableware set crafted by Casa Leitão & Irmão, esteemed jewellers and goldsmiths of the Royal House. This distinguished silverware, known as Barahona Tableware, was commissioned in 1894 but was ultimately completed in 1900 by the jewellers Augusto Luís de Sousa and Francisco Inácio Cardoso. The design and arrangement of the Barahona Tableware were entrusted to the accomplished painter Columbano Bordalo Pinheiro. This commission not only added to the Barahona’s artistic legacy but also marked the inception of a line of national jewellery by Casa Leitão & Irmão, inspired by the decorative styles of the 18<sup>th</sup> century. This style was manifested in Portugal’s religious and civil architecture as well as its industrial arts<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> QUEIROZ, J. (1909) – “Joaquim de Vasconcellos, Carolina Michaëllis de Vasconcellos, Evora”. In *Da Minha Terra: Figuras Gradas. Impressões de Arte*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, p. 20.

<sup>21</sup> (1900). *Baixella Barahona. Um Problema d’Arte*. Lisboa: Leitão & Irmão; (1908). *Leitão & Irmão. Joalheiros da Coroa na Exposição Nacional do Rio de Janeiro*. Lisboa: Typographia A Editora; LEMOS, A. de (1906) - “A Baixella Barahona”. In *Notas d’Arte*. Porto: Typographia Universal, pp. 193- 196; ORTIGÃO, R. - “A Arte Aplicada em Portugal (A propósito da Baixela Barahona)”. *Brasil-Portugal*, 2 (34), 16 junho, 1900.



O autor de *Atravez a Cidade de Évora* alude a um Salão das Belas Artes, onde estariam expostas obras de arte, pinturas e esculturas, de autores nacionais. Tratava-se da coleção de arte do casal, muito possivelmente iniciada após as suas núpcias, que hoje é difícil de conhecer em toda a sua extensão, uma vez que foi parcialmente dispersa pelos herdeiros depois da morte de Inácia Barahona Fernandes, circunstância que tem dificultado a sua reconstrução<sup>22</sup>. Sabemos, porém, que seria uma coleção de arte moderna, de gosto predominantemente naturalista, com peças dos escultores portugueses Vítor Bastos (1829-1894), António Alberto Nunes (1838-1912), José Simões de Almeida (1844-1926), António Augusto da Costa Mota (1862-1930) e António Teixeira Lopes (1866-1942), assim como do italiano Aristides Fontana (1834-1870/92?). Em relação à pintura, é possível identificar a presença de obras de Silva Porto (1850-1893), Josefa Greno (1850-1902), José Queiroz (1856-1920), José Malhoa (1855-1933), Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), António Ramalho e António Carneiro, dos espanhóis Manuel Garcia y Hispaleto (1836-1898) e José Franco y Cordero (1851-1892), e do francês Camille Magnus (1850-?). Existiriam ainda um desenho da proprietária (Inácia Barahona Fernandes) e aguarelas da rainha D. Amélia (1865-1951) e do artista espanhol Enrique Casanova (1850-1913).

<sup>22</sup> Sobre o tema, ver RODRIGUES, P. S. (2017), *op. cit.*, pp. 395-410.

The author of *Atravez a Cidade de Évora* makes reference to a Hall of Fine Arts, where a diverse range of artworks, including paintings and sculptures by Portuguese artists, were showcased. This Hall represented the art collection of the couple, which likely began to take shape after their marriage. However, the comprehensive understanding of this collection now remains elusive, as it was partially dispersed by heirs following the passing of Inácia Barahona Fernandes. This dispersal has posed challenges in reconstructing<sup>22</sup> the collection's entirety. Nonetheless, the collection is known to have encompassed modern art, largely adhering to a naturalistic style. Among the artists represented in the collection were prominent Portuguese sculptors such as Vítor Bastos (1829-1894), António Alberto Nunes (1838-1912), José Simões de Almeida (1844-1926), António Augusto da Costa Mota (1862-1930), and António Teixeira Lopes (1866-1942), along with the Italian artist Aristides Fontana (1834-1870/92?). Regarding paintings, identifiable contributors to the collection included Silva Porto (1850-1893), Josefa Greno (1850-1902), José Queiroz (1856-1920), José Malhoa (1855-1933), Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), António Ramalho, and António Carneiro. Notably, the collection also featured works by international artists, such as Manuel Garcia y Hispaleto (1836-1898) and José Franco y Cordero (1851-1892) from Spain, as well as the French artist Camille Magnus (1850-?). Additionally, there was a drawing by the owner (Inácia Barahona Fernandes) and watercolours by Queen Amélia (1865-1951) and the Spanish artist Enrique Casanova (1850-1913).

<sup>22</sup> Sobre o tema, ver RODRIGUES, P. S. (2017), *op. cit.*, pp. 395-410.

## Atualmente, o Legado Barahona faz parte do acervo do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora, e é constituído por 32 obras.

Presently, the Barahona Legacy forms part of the collection housed at the Frei Manuel do Cenáculo National Museum in Évora. This collection consists of a total of 32 works.



Com a morte de Francisco Barahona Fragoso em 1905, parte da coleção foi legada, por disposição testamentária, à Biblioteca Pública de Évora. O testamento de Francisco Barahona Fragoso, contudo, também determinava que o legado fosse concretizado apenas após a morte da sua mulher. Inácia faleceu em 1918 e não havendo herdeiros diretos, os seus dois casamentos foram inférteis, a coleção ficou à guarda de um familiar do casal, Miguel José de Matos Fernandos, que concretizou a doação em 1923. No entanto, tendo o Museu de Évora sido criado em 1914, com o acervo artístico da Biblioteca Pública, acabou por ser aquela a instituição a receber o legado e não a biblioteca. Atualmente, o Legado Barahona faz parte do acervo do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora, e é constituído por 32 obras: vinte esculturas (dezanove em mármore e uma em gesso), dez pinturas (nove a óleo e uma em pastel) e duas fotografias (retratos dos doadores).

Upon the passing of Francisco Barahona Fragoso in 1905, a portion of the collection was bequeathed through his will to the Évora Public Library. However, it was specified that the bequest would only come into effect after the passing of his wife, Inácia, who passed away in 1918. As Inácia did not have direct heirs due to her childless marriages, the collection was inherited by a relative named Miguel José de Matos Fernandos. This relative subsequently donated the collection in 1923. Yet, due to the establishment of the Évora Museum in 1914, with the artistic collection of the Public Library under its wing, the legacy was directed towards the museum rather than the library. Presently, the Barahona Legacy forms part of the collection housed at the Frei Manuel do Cenáculo National Museum in Évora. This collection consists of a total of 32 works, encompassing twenty sculptures (nineteen in marble and one in plaster), ten paintings (nine in oil and one in pastel), and two photographs (portraits of the benefactors).

---

05

O IMPACTE DO PALÁCIO  
BARAHONA NA PAISAGEM  
URBANA DA ÉVORA  
OITOCENTISTA

The impact of the Barahona Palace on  
the urban landscape of 19<sup>th</sup> century Évora

A modernidade, a beleza e a qualidade arquitetónica do Palácio Barahona, e certamente o prestígio social dos seus proprietários, tiveram um forte e rápido impacto na imaginabilidade oitocentista da cidade de Évora. Logo nos anos imediatos à sua construção (em menos de vinte anos), começa a aparecer referenciada quer na iconografia da cidade, quer nos textos que a abordaram como tema. A sua imagem está presente, por exemplo, no frontispício do jornal local *Manuelinho d'Évora*, cuja primeira série foi publicada entre 1880 e 1904, juntamente com as representações de outros muito conhecidos monumentos históricos da cidade, como a Sé, a Igreja de São Francisco, ou o Aqueduto. Com o surgimento da fotografia, foram também frequentes as captações panorâmicas da cidade de Évora da perspetiva do Rossio de São Brás, em que o Palácio Barahona aparece destacado. Veja-se, como exemplo, a fotografia panorâmica de Évora tirada por Emílio Biel (1838-1915) e publicada no primeiro volume da coleção de álbuns *A Arte e a Natureza em Portugal*, no ano de 1902.

The Barahona Palace's impact on Évora's urban landscape during the 19<sup>th</sup> century was significant and swift. Its modern design, aesthetic beauty, and architectural excellence, coupled with the esteemed social status of its owners, left an indelible mark on the city's image in this era. In the years immediately following its construction, within a span of less than two decades, it began to feature prominently in both visual representations and written accounts of the city. An exemplar of its recognition can be found on the frontispiece of the local newspaper *Manuelinho d'Évora*. This newspaper's initial series, published between 1880 and 1904, depicted the Barahona Palace alongside other renowned historical landmarks of the city, including the Cathedral, Church of São Francisco, and the Aqueduct. The emergence of photography enabled the capture of panoramic views of Évora from vantage points like Rossio de São Brás, often showcasing the prominence of the Barahona Palace. A notable instance is the panoramic photograph of Évora taken by Emílio Biel (1838-1915), featured in the first volume of the album collection *Art and Nature in Portugal* published in 1902.



A partir de 1900, o Palácio Barahona começa a ser referenciado, nos guias turísticos dedicados a esta cidade, normalmente em conjunto com o Teatro Garcia de Resende, concluído em 1890, como um monumento moderno de Évora. Sucede no acima citado *Atravez a Cidade de Évora* (1900) de Caetano da Câmara Manuel<sup>23</sup> e em *Évora e seus arredores. Indicações para uso dos viajantes*, publicado pela Sociedade de Propaganda de Portugal em 1916<sup>24</sup>.

Outro dos meios de aferir o impacto que o Palácio Barahona teve na imagem de Évora e na vida dos eborenses é a notoriedade social dos seus visitantes e hóspedes, que incluíram vários membros da família real portuguesa. Foi o que sucedeu com o rei D. Luís, a rainha D. Maria Pia e os infantes D. Carlos e D. Afonso, por ocasião de uma visita à cidade em 1889, assim como com o já rei D. Carlos e a rainha D. Amélia, quando visitaram a cidade alentejana em 1899.<sup>25</sup>

<sup>23</sup> MANUEL, C. da C., *op. cit.*, pp. 45-47.

<sup>24</sup> Sociedade de Propaganda de Portugal (1916) – *Évora e seus arredores. Indicações para uso dos viajantes*. Lisboa: Typ. da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1916, p. 21.

<sup>25</sup> MANUEL, C. da C., *op. cit.*, p. 46

Starting around 1900, the Barahona Palace began to garner mentions in tourist guides dedicated to the city. It was often highlighted in conjunction with the Garcia de Resende Theatre, completed in 1890, as a testament to modern architecture in Évora. This inclusion can be observed in works such as *Atravez a Cidade de Évora* (1900) by Caetano da Câmara Manuel<sup>23</sup> and *Évora and its surroundings. Instructions for the use of travellers*, published by the Propaganda Society of Portugal in 1916<sup>24</sup>.

Furthermore, the palace's impact is reflected in its association with notable visitors and guests, some of whom were members of the Portuguese royal family. For example, King Luís, Queen Maria Pia, and the Infants Carlos and Afonso, visited the palace in 1889, as well as King Carlos and Queen Amélia upon their visit to the Alentejo city of Évora in 1899. These royal visits underscored the palace's reputation as a destination for esteemed guests and its lasting influence on Évora's image and societal fabric<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> MANUEL, C. da C., *op. cit.*, pp. 45-47.

<sup>24</sup> Sociedade de Propaganda de Portugal (1916) – *Évora e seus arredores. Indicações para uso dos viajantes*. Lisboa: Typ. da Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1916, p. 21.

<sup>25</sup> MANUEL, C. da C., *op. cit.*, p. 46



---

06

DE RESIDÊNCIA  
PRIVADA A TRIBUNAL

From private residence to court

V iúva de Francisco Barahona Fragoso desde 1905, Inácia Fernandes Barahona acabou por vender o seu palácio à companhia de seguros *A Pátria* em 1915, tendo-se então mudado para uma casa situada no n.º 13 da rua do Cicioso, também em Évora. A instalação da Sociedade Alentejana de Seguros no edifício obrigou a algumas obras de adaptação, nomeadamente a instalação de um balcão para atendimento do público no antigo Salão de Baile. A 31 de dezembro de 1979, no âmbito de um processo de nacionalização das companhias de seguros de capital português, em que foram criadas seis empresas públicas de seguros tuteladas pelo Ministro das Finanças, *A Pátria*, com o seu património, em que estava incluído o Palácio Barahona, foi integrada em uma dessas empresas, a Companhia de Seguros Mundial Confiança<sup>26</sup>. No ano 2000, a Mundial Confiança foi adquirida pela Caixa Geral de Depósitos. Enquanto parte do Grupo Caixa Geral de Depósitos, em 2004, a Mundial Confiança fundiu-se com a Fidelidade, outras das Seguradoras Públicas criada em 1979, dando origem a uma nova marca, a Fidelidade – Mundial. Foi neste novo enquadramento empresarial que o Palácio Barahona foi arrendado ao Ministério da Justiça, em 2008, para aí instalar o Tribunal da Relação e a Procuradoria-Geral Distrital de Évora.

A fter the passing of Francisco Barahona Fragoso in 1905, Inácia Fernandes Barahona eventually sold the Barahona Palace to the insurance company *A Pátria* in 1915. Subsequently, she relocated to a house at No. 13 of Cicioso Street in Évora. The transformation of the palace into the headquarters of the Alentejo Insurance Society required some alterations, namely the installation of a public service desk in the old Ballroom. On the 31<sup>st</sup> of December 1979, as part of a process of nationalizing insurance companies with Portuguese capital, which led to the establishment of six public insurance companies under the supervision of the Minister of Finance, *A Pátria*, along with its assets including the Barahona Palace, was incorporated into one of these entities — Insurance Company Mundial Confiança<sup>26</sup>. In 2000, Mundial Confiança was acquired by Caixa Geral de Depósitos, a major Portuguese bank. As a part of the Caixa Geral de Depósitos Group, Mundial Confiança merged with Fidelidade in 2004, another one of the public insurance companies formed in 1979, creating a new brand, Fidelidade - Mundial. In this new corporate context, the Barahona Palace was leased to the Ministry of Justice in 2008 to serve as the premises for the Court of Appeal and the Évora District Attorney's Office.

<sup>26</sup> Decreto-lei 528/79. Diário da República, n.º 300, 1º Suplemento, Série I, 31 dezembro, 1979.

<sup>26</sup> Decreto-lei 528/79. Diário da República, n.º 300, 1º Suplemento, Série I, 31 dezembro, 1979.

## Os Tribunais da Relação são, em regra, tribunais de segunda instância que recebem a designação do município onde foram estabelecidos.

Courts of Appeal, typically functioning as courts of second instance, are named after the municipality in which they are established.

Os Tribunais da Relação são, em regra, tribunais de segunda instância que recebem a designação do município onde foram estabelecidos. A sua origem remonta ao século XIV, ao reinado de D. Afonso IV (1325-1357), quando foram criados o Desembargo do Paço e, posteriormente, a Casa do Cível e a Casa da Suplicação, as entidades que no reino de Portugal funcionavam como tribunais superiores e de recurso das decisões judiciais. A Casa da Suplicação estava sujeita à itinerância da corte e, além de Lisboa, também funcionou em Santarém (durante o reinado de D. João I, 1385-1433), Torres Novas e Évora (durante o reinado de D. João II, 1481-1495). Em 1582, Filipe I extinguiu a Casa do Cível de Lisboa e concentrou as suas competências na Casa da Suplicação, que fixou naquela cidade. No mesmo ano, o monarca criou a Relação ou Casa do Porto, que tinha a função de receber as apelações das populações das comarcas de Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho e Beiras. Nas possessões ultramarinas, foram criadas Casas da Relação em Goa (1544), Salvador da Bahia (1609), São Sebastião do Rio de Janeiro (1751), convertida em Casa da Suplicação do Brasil em 1808, São Luís do Maranhão (1818) e na Vila do Recife de Pernambuco (1821)<sup>27</sup>.

Courts of Appeal, typically functioning as courts of second instance, are named after the municipality in which they are established. Their origins date back to the 14<sup>th</sup> century, during the reign of King Afonso IV (1325-1357), when the Court of the Palace was created. Later, the House of Civil and the House of Appeal were established, serving as entities that operated in the kingdom of Portugal as superior courts and courts of appeal for judicial decisions. The House of Appeal was subject to court itinerancy and, in addition to Lisbon, also functioned in Santarém (during the reign of King João I, 1385-1433), Torres Novas, and Évora (during the reign of King João II, 1481-1495). In 1582, Filipe I abolished the House of Civil in Lisbon and consolidated its powers in the House of Appeal, established in that city. In the same year, the monarch created the Appeal or House of Porto, tasked with receiving appeals from the populations of the regions of Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho, and Beiras. In overseas territories, Houses of Appeal were established in Goa (1544), Salvador da Bahia (1609), São Sebastião do Rio de Janeiro (1751), which was converted into the House of Appeal of Brazil in 1808, São Luís do Maranhão (1818), and the town of Recife in Pernambuco (1821)<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> SILVA, F. R. da (2008) – Tribunal da Relação do Porto. Origem, Estrutura Institucional e Funcionamento. Tribunal da Relação do Porto, Universidade do Porto, [https://www.trp.pt/\\_files/ugd/56b40f\\_ad1bec6dccc435686c0a6157f62f4.pdf](https://www.trp.pt/_files/ugd/56b40f_ad1bec6dccc435686c0a6157f62f4.pdf) (I e II Partes), <https://www.trp.pt/historia-da-relacao-do-porto> (III Parte), (consultado a 04/08/2023).

<sup>27</sup> SILVA, F. R. da (2008) – Tribunal da Relação do Porto. Origem, Estrutura Institucional e Funcionamento. Tribunal da Relação do Porto, Universidade do Porto, [https://www.trp.pt/\\_files/ugd/56b40f\\_ad1bec6dccc435686c0a6157f62f4.pdf](https://www.trp.pt/_files/ugd/56b40f_ad1bec6dccc435686c0a6157f62f4.pdf) (I e II Partes), <https://www.trp.pt/historia-da-relacao-do-porto> (III Parte), (consultado a 04/08/2023).

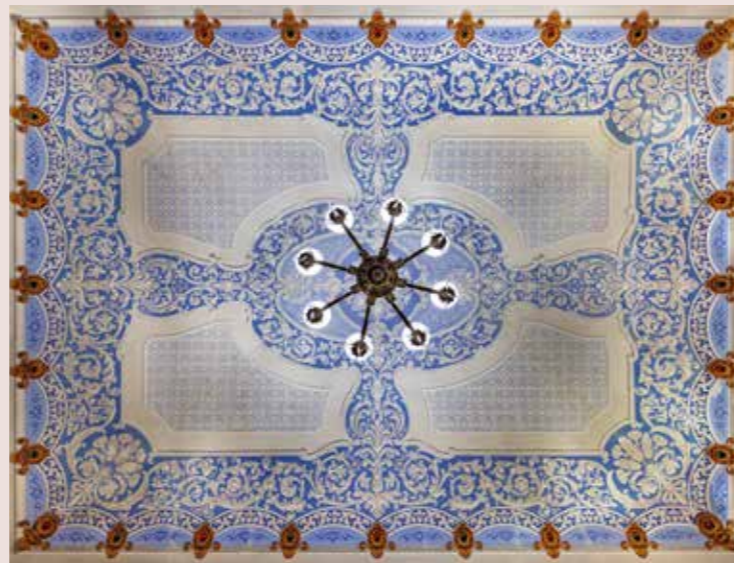
Com o Liberalismo e a implementação de uma nova organização administrativa, a Casa da Suplicação foi extinta e substituída por Tribunais de Segunda Instância ou da Relação, que se seguiam aos Tribunais de Primeira Instância e antecediam o Supremo Tribunal da Justiça. Criados por decreto de 16 maio de 1832 (*Decreto sobre a Reforma da Justiça de 16 de Maio de 1832*, Título II, Artigo 6), concretizado a 1 de agosto de 1833, os Tribunais de Segunda Instância eram três, um por cada Círculo Judicial: Lisboa, Porto e Açores (Ponta Delgada). A República extinguiu o Tribunal da Relação dos Açores (1910) e criou o de Coimbra (1918). Finalmente, perante as alterações demográficas e económicas verificadas no país, por decreto-lei de 4 de maio de 1973, é criado um quarto Tribunal da Relação, o de Évora<sup>28</sup>. Passou a caber ao Tribunal da Relação de Évora decidir sobre os recursos provenientes dos tribunais de primeira instância de Santarém, Setúbal, Évora, Portalegre, Beja e Faro. A sede do novo Tribunal da Relação é instalada no Largo das Alterações, sendo transferida, a 26 de novembro de 2007, como enunciámos inicialmente, para o Palácio Barahona, sito nos números 142 e 143 da rua da República.

<sup>28</sup> Decreto-lei 202/73. Diário da República, n.º 105, 1º Suplemento, Série I, 4 maio, 1973.

With the advent of Liberalism and the implementation of a new administrative structure, the House of Appeal was dismantled, giving way to Courts of Second Instance or Courts of Appeal. These courts followed the Courts of First Instance and came before the Supreme Court of Justice. The foundation of these Courts of Appeal was initiated by a decree on the 16<sup>th</sup> of May 1832 (Decree on the Reform of Justice of 16 May 1832, Title II, Article 6), and its execution began on 1<sup>st</sup> of August 1833. Initially, there were three Courts of Appeal, each corresponding to a Judicial Circle: Lisbon, Porto, and the Azores (Ponta Delgada). The Court of Appeal in the Azores was abolished by the Republic in 1910, and subsequently, the Court of Coimbra was established in 1918. In response to shifting demographics and economic dynamics within the country, a fourth Court of Appeal was established in Évora<sup>28</sup> through decree-law on 4<sup>th</sup> of May 1973. This Court of Appeal in Évora was tasked with handling appeals from the lower courts of Santarém, Setúbal, Évora, Portalegre, Beja, and Faro. The headquarters of this newly formed Court of Appeal was situated in Alterações Square. As previously indicated, on the 23<sup>rd</sup> of November 2007, it was officially relocated to Barahona Palace, situated at numbers 142 and 143 of República Street.

<sup>28</sup> Decreto-lei 202/73. Diário da República, n.º 105, 1º Suplemento, Série I, 4 maio, 1973.







SALA DOS MAGISTRADOS  
magistrates' room



GABINETE DE DESEMBARGADORES  
judge's office



SALA DE INVESTIGAÇÃO DA BIBLIOTECA

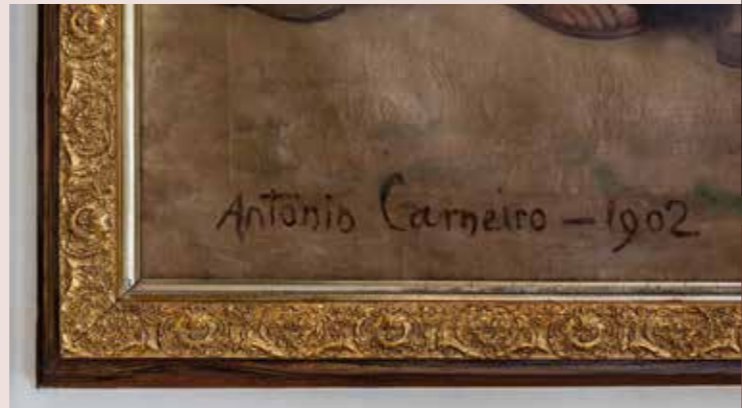
library research room



SALA DE AUDIÊNCIAS

courtroom

ÁREAS COMUNES  
common areas



07

# CONCLUSÃO

Conclusion

Fazer a história de um edifício como o Palácio Barahona é conhecer porquê e como surgiu, mas também sublinhar o seu estatuto de lugar de memória, no sentido que lhe atribuiu o historiador francês Pierre Nora: uma entidade de origem natural ou não natural que, pela vontade humana e pela passagem do tempo, se tornou num dispositivo de memória de uma comunidade (Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, 1984). Como vimos, o Palácio Barahona adquiriu esse valor simbólico muito cedo na vida de um edifício, como evidenciam as referências que lhe são feitas nos primeiros guias turísticos dedicados à cidade de Évora, entre os anos finais do século XIX e o início do século XX. O valor de lugar da memória dos seus proprietários, do arquiteto e dos artistas que estiveram ligados à sua construção e decoração, e da história de Évora, do Alentejo e de Portugal entre os séculos XIX e XXI. Tal como uma estratigrafia arqueológica, com a mudança de função no século XXI, o Palácio Barahona adquiriu uma nova camada de memória que acumulou com as restantes, a da história do Direito e da Justiça no nosso país, e a dos Tribunais da Relação, cuja instalação em Évora pretendemos assinalar com este texto.

To chronicle the history of a structure like the Barahona Palace involves understanding not only the reasons and means behind its creation, but also highlighting its significance as a repository of memory, as articulated by the French historian Pierre Nora. According to Nora, a place of memory is an entity that, either natural or human-made, over time and through human intention, evolves into a vessel of communal recollection (Pierre Nora, *Les Lieux de Mémoire*, Paris, 1984). As elucidated, the Barahona Palace assumed this emblematic role quite early in its existence, as evidenced by its inclusion in the inaugural tourist guides dedicated to Évora during the late 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> centuries. This edifice serves as a memory haven for its proprietors, the architect, and the artisans who contributed to its construction and adornment. It also stands as a historical emblem for Évora, the Alentejo region, and Portugal across the spectrum of the 19<sup>th</sup> to 21<sup>st</sup> centuries. Similar to the layers of an archaeological stratigraphy, the 21<sup>st</sup> century change in its purpose has superimposed a fresh stratum of memory atop the existing ones. This stratum embodies the narrative of Law and Justice in our nation's annals, particularly the narrative of the Courts of Appeal, whose establishment in Évora we aspire to commemorate through this treatise.



Este livro foi impresso em papel feito de fibras 100% recicladas certificado pelo FSC®.

Este livro promove o uso responsável das florestas e da conservação dos seus recursos naturais, não contribui para o aumento do desmatamento de matas virgens, valoriza produtos provenientes de matéria-prima extraída de maneira responsável e contribui para assegurar os direitos dos trabalhadores e de populações tradicionais que vivem na floresta.

Valorize e cuide deste livro, prolongue a sua vida.

This book has been printed on paper made from 100% recycled FSC® certified fibers.

This book promotes the responsible use of forests and the conservation of their natural resources, it does not contribute to the increase in deforestation of virgin forests, values products from responsibly extracted raw materials and contributes to ensuring the rights of workers and traditional populations who live in the forest.

Appreciate and take care of this book, extend its life.



